

ANTES DO PODER: EXTREMA-DIREITA TINHA RAÍZES NO PENSAMENTO DE BRASILEIROS E POLONESES¹

BEFORE POWER: EXTREME RIGHT HAD ROOTS IN THE BRAZILIANS AND POLISHES THINKING

Gregório Unbehaun Leal da Silva²

RESUMO

Trabalho comparativo acerca da opinião de brasileiros e poloneses antes da chegada ao poder de líderes populistas de direita (MUDDE, 2017). Utilizam-se dados de opinião pública e se comparam quatro temáticas comumente associados aos processos de desconsolidação democrática: desconfiança institucional (MOREIRA, 2020), apoio a líder forte que ignore a divisão dos poderes (ALBERTUS; GROSSMAN, 2021), posição econômica (PIKETTY, 2020) e aborto (NORRIS; INGLEHART, 2019). Os primeiros resultados não indicam haver muita semelhança entre brasileiros e poloneses nas questões analisadas. Por outro lado, quando comparados aos uruguaiois, escolhidos por serem cidadãos de uma jovem democracia, sem direita populista no poder, brasileiros e poloneses tendem a se posicionar com maior desconfiança institucional e mais conservadorismo na pauta dos costumes. Conclui-se apontando para especial fragilidade da confiança nos partidos políticos, como principal marcador que une as opiniões no Brasil e Polônia, quando comparado à sólida democracia uruguaia. Um apontamento interessante no fim do trabalho é de uma agenda de pesquisa sobre essa possível correlação da fragilidade histórica dos sistemas partidários e a presença de líderes de extrema-direita.

Palavras-chave: Desconsolidação democrática; Direita populista; Partidos políticos, Conservadorismo.

¹ Esse paper é fruto do curso “Os processos de transição e desconsolidação democrática na Polônia” do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Santa Catarina, dirigido pela professora convidada Dr^a Monika Paulina Sawicka, vinculada ao Institute of American Studies and Polish Diaspora da Jagiellonian University.

²Doutorando PPGSP. Universidade Federal de Santa Catarina. Rio do Sul. Santa Catarina. Brasil. E-mail: gregorio1986@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4603-9803>.

ABSTRACT

Comparative work on the opinion of Brazilians and Poles before the coming to power of right-wing populist leaders (MUDDE, 2017). Public opinion data are used to four themes commonly associated with the processes of democratic deconsolidation: institutional distrust (MOREIRA, 2020), support for a strong leader who ignores the division of powers (ALBERTUS; GROSSMAN, 2021), economic position (PIKETTY, 2020) and abortion (NORRIS; INGLEHART, 2019). At a first glimpse, the results indicated that there is no much similarity between Brazilians and Poles. On the other hand, when compared to Uruguayans, chosen for being a young democracy, without populist right in power, Brazilians and Poles tend to position themselves with greater institutional distrust and more conservatism in the agenda of customs. The conclusion points to a special fragility of trust in political parties, as the main marker that unites opinions in Brazil and Poland, when compared to the solid Uruguayan democracy. An interesting note at the end of the work is a research agenda on this possible correlation between the historical fragility of party systems and the presence of far-right leaders.

Key words: Democratic deconsolidation; Populist right; Political parties, Conservatism.

Artigo recebido em: 29/11/2021

Artigo aprovado em: 03/08/2022

Artigo publicado em: 20/09/2022

1 INTRODUÇÃO

Andrzej Duda e Mateusz Morawiecki são respectivamente presidente e primeiro-ministro da Polônia. São políticos do partido Lei e Justiça³(PiS), que governa o país desde 2015. Em 2021, o governo de ambos propôs uma reforma constitucional que engloba a criação de uma certa “câmara disciplinar de Justiça” para punir juízes que tomassem decisões que não se alinhavam com os “valores e princípios poloneses”. Essa decisão contraria as normas da adesão polonesa à União Europeia. Esse caso exemplifica a situação de grave crise institucional em que se encontra a Polônia

³ Em polonês: Prawo i Sprawiedliwość, PiS

Não é muito diferente em outro continente. O presidente brasileiro Jair Bolsonaro, então em campanha, foi tácito ao apontar que “as minorias devem se curvar às maiorias⁴”. Moreira (2020) inclui os dois casos como pertencentes ao mesmo fenômeno o da “crise das democracias no século XXI” (p. 16).

Dois países de maioria cristã e com líderes de extrema-direita, isso “une” brasileiros e poloneses. Como estava a opinião pública de ambos os países antes do pleito que alçou ao poder projetos que contradizem à democracia liberal? Esse é foco do que se segue.

O *World Value Survey*, banco de dados global, permite que façamos essa comparação acerca da opinião pública dos dois países. A sexta onda do banco permite comparar o que pensavam brasileiros e poloneses acerca de diferentes dimensões associadas na literatura que estuda a desconsolidação democrática (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018; MOUNK, 2019; NORRIS; INGLEHART; 2019; PRZEWORSKI; 2019, ALBERTUS; GROSSMAN, 2021; MOREIRA, 2020) como marcas entre os apoiadores de líderes da cepa de Duda, Bolsonaro, Donald Trump e Viktor Órban.

No que se segue, inicialmente, apresentaremos uma breve revisão teórica sobre as dimensões escolhidas na comparação entre brasileiros e poloneses. Na etapa seguinte, descrevemos os dados e a metodologia do trabalho. As seções 4 e 5 debruçam-se sobre os achados da pesquisa. A primeira dessas aponta a comparação direta entre brasileiros de 2014 e poloneses de 2012. Na seção seguinte, os uruguaios são introduzidos, a fim de notar as semelhanças e dessemelhanças entre brasileiros e poloneses diante de um país com passado autoritário, democracia recente, mas sem vitória de líder de extrema-direita. O trabalho se encerra com uma breve análise conclusiva, discutindo o que tem de comum poloneses e brasileiros, além de afirmar a necessidade de pesquisas comparativas mais aprofundadas.

⁴ Disse Jair Bolsonaro durante a campanha de 2018: “O Estado é cristão e a minoria que for contra, que se mude. As minorias têm que se curvar para as maiorias” (REVISTA VEJA, 2019).

2 PROBLEMÁTICA

Incorporamos nesse trabalho o referencial apontado por Mudde (2007) caracterizando os dois casos como populismo de direita, ou de extrema-direita. Os dois países também são citados na crescente literatura sobre a desconsolidação democrática no mundo. Por exemplo, para Mounk (2019), a Polônia é tomada como exemplo dessa crise. Já no prefácio à edição brasileira, o autor aponta o governo de Jair Bolsonaro como um eminente perigo da desconsolidação da democracia brasileira.

Nesse trabalho verificaremos o peso dessas posições populistas na opinião pública dos dois países no período que antecede a chegada ao poder do PiS, em 2015 e de Jair Bolsonaro, em 2019.

São quatro tópicos aqui propostos como comparação entre o que poloneses e brasileiros pensavam antes da chegada ao poder do projeto extremista. A primeira *issue* mais palpável é a da avaliação do regime. Moreira (2020) aponta que essa dimensão é incorporada por parte significativa da literatura internacional que se debruçou sobre a desconsolidação democrática. A confiança do regime passa pela confiabilidade do processo eleitoral, bem como pela confiança nos partidos, esse último aspecto é especialmente reforçado por Levitsky e Ziblatt (2018).

A opinião acerca da melhor gestão da economia é a segunda dimensão. Supõe-se que por serem personagens de direita, o receituário neoliberal estaria na ordem do dia. Entretanto, essa dimensão não é tão clara como associada ao populismo de extrema-direita. Piketty (2020) aborda um possível “social-nativismo”, ou seja, que líderes da extrema-direita podem fazer acenos contrários à prática da austeridade preconizada pelo neoliberalismo, afim de ganhar apoio. O projeto do Auxílio Brasil de Bolsonaro e as constantes auxílios aos mais pobres geradas pelo governo do PiS podem ser exemplos dessa prática. Por outro lado, a plataforma de Bolsonaro claramente convergia a um discurso neoliberal com a guinada do “ultraliberal” Paulo Guedes a seu “posto Ipiranga”. Os poloneses, segundo Moreno (1999), receosos de seu passado

estatizante do período de dominação soviético, tendiam nos anos 1990 a serem mais privatistas.

Albertus e Grossman (2021) encontraram apoio a uma concepção majoritária de democracia entre apoiadores de Bolsonaro. A concepção majoritária na opinião pública tem seu equivalente em regimes políticos à prática da democracia iliberal (GROSSMAN *et al.*, 2021). Mounk (2019) cita a própria Polônia como exemplar dessa prática. Esses apontamentos levaram-nos a comparar a opinião de brasileiros e poloneses na seguinte questão: “Ter um líder forte que não precise se preocupar com deputados, senadores e com eleições”. Em suma, essa *issue* compõe nossa terceira dimensão.

Norris e Inglehart (2019) apontam que os processos referentes ao crescimento da extrema-direita se associam também à valores tradicionais. Mounk (2019) reitera que o ressurgimento do nacionalismo excludente está diretamente relacionado à ascensão da política identitária. Alvo constante de ambos os governos⁵, um tema de contínua discussão nesse tópico é o aborto⁶. Por isso se comparou a aceitação ao aborto, entre brasileiros e poloneses. Focaremos na dimensão da tolerância à homossexualidade como outra questão dessa quarta dimensão. Essa escolha foi dada após leitura do trabalho Wróbel (2021).

Além de uma comparação da opinião pública dos dois países no período anterior ao governo populista de direita, optamos por inserir um terceiro país, o Uruguai. País de democracia “recente” sem líder populista de direita eleito, é segundo literatura (BORNSCHIER, 2019) de uma tradição histórica que difere da brasileira. Essa mesma análise aponta que o país passou por um período de autoritarismo em meados do século passado, mas ao contrário do Brasil, o sistema partidário não foi

⁵No caso da Polônia: “Poland puts into effect new restrictions on abortion”

<https://www.reuters.com/article/us-poland-abortion-idUSKBN29W1ZN>. Acesso em: 23 nov. 2021.

⁶Bolsonaro: No que depender de mim, aborto jamais será aprovado'

<https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-no-que-depender-de-mim-aborto-jamais-sera-aprovado-1-24817815>. Acesso em: 23 nov. 2021.

modificado, o que propiciou a manutenção de vínculos sociais com as agremiações partidárias, diferente do caso brasileiro. O caso polonês também dificulta a criação de vínculos estáveis entre eleitores e partidos, como bem ressaltado por Pietrzyk-Reeves (2016). Introduzir a opinião dos uruguaios, como se verá, permitirá interpretar melhor as diferenças e semelhanças entre brasileiros e poloneses, dada a condição *sui generis* do pequeno país que faz fronteira com o Brasil.

Um último ponto referente ao problema dessa pesquisa é a de que a situação dos líderes populistas de direita dos países se difere. Por exemplo, Bolsonaro está desde 2019 na sua primeira experiência à frente do executivo e vem encontrando sérias dificuldades nas pesquisas de aprovação popular. Já o PiS, depois de uma experiência malsucedida no biênio 2005-2007, vem tendo, desde 2015, bons resultados eleitorais. Mas uma vez que nosso escopo se refere ao período que antecede à chegada ao poder do Pis e de Bolsonaro, essas diferenças não são sensíveis nessa específica análise.

3 METODOLOGIA

Para compreender os eventuais determinantes de como Brasil e Polônia foram vítimas do processo de desconsolidação democrática (MOREIRA, 2020). Uma alternativa é olhar para o período que antecedeu a chegada ao poder desses grupos populistas de direita.

Um vislumbre em como pensavam brasileiros e poloneses foi a estratégia adotada. A importância da opinião pública no caso do crescimento político de grupos políticos de extrema-direita é destacada pela literatura mencionada na seção anterior, em especial em Mounk (2019) e em Norris e Inglehart (2019).

Para obter, essa comparação entre poloneses e brasileiros, e na segunda etapa entre esses e uruguaios, buscou-se por dados da sexta onda da Pesquisa Mundial de Valores (WVS, em inglês). Consolidado banco de dados que insere os três países em muitas de suas ondas.

Em outro trabalho de nossa autoria (SILVA, 2021) destacamos a importância desse banco de dados. Por contemplar hoje mais de 90 países do mundo, é uma das ferramentas que propiciam metodologias comparativas como as que propomos aqui.

O banco encontra-se atualmente na sétima onda. Nossos dados, por se ocupar do período que antecedeu as vitórias dos grupos de interesse, são da sexta onda. Os pesquisadores vinculados ao WVS foram a campo no mundo todo para fazer perguntas de opinião pública a amostras representativas dos países.

Para essa onda de nosso interesse, entre 2010 e 2014. O levantamento foi feito no caso brasileiro foi em 2014. Na Polônia, o campo foi feito em 2012. Já a pesquisa com os uruguaios se deu em 2011.

Selecionamos algumas questões⁷ presentes nessa onda para os fins estabelecidos na problemática. Ou seja, comparar a opinião de brasileiros e poloneses e depois confrontá-las frente a dos uruguaios.

No caso da comparação entre poloneses de 2012 e brasileiros de 2014, para avaliar as duas primeiras dimensões se rodou uma simples técnica de análise dos componentes principais (BROWN, 2006) para cinco questões presente nos dois países na sexta onda do WVS.

Em ambos os países, o resultado foi adequado quanto a formação de 2 fatores⁸, um com as questões econômicas e outro com as de avaliação do regime. A dimensão de desconfiança institucional refere-se à junção das questões V228A, V228F e V116 destacadas nas três primeiras linhas do quadro 1. Já V96 e V98 – na quarta e na quinta linha do quadro 1 - configuraram o índice direita econômica.

As questões de cada fator, foram unificadas, recodificadas e formaram um índice, na sequência se procedeu uma normalização dos dados e uma posterior

⁷A linguagem de programação utilizada foi o R (WICKHAM; GROLEMUND,2020). Os scripts da análise podem ser solicitados diretamente junto ao autor.

⁸ Os dados da análise dos componentes principais, não constam aqui por questão de espaço, mas podem ser solicitados diretamente com o autor.

multiplicação por 100, permitindo a comparação dos valores entre poloneses e brasileiros. Os valores desses índices ficaram então entre 0 e 100 facilitando ao leitor a comparação entre os países.

Nos outros dois casos, inserimos questões próprias referentes à dimensão de interesse. Assim como nesses índices, aqui também se procedeu uma normalização e um criação de um escore de 0 a 100 para apoio a líder forte e aborto.

Quadro 1 - Seleção de variáveis

Código WVS	Questão	Direcionamento após análise dos componentes principais e recodificação
V228A	Com que frequência nas eleições do país: os votos são contados de maneira justa	Índice desconfiança institucional
V228F	Com que frequência nas eleições do país: os funcionários eleitorais são justos	Índice desconfiança institucional
V116	Confiança: os partidos políticos	Índice desconfiança institucional
V96	Igualdade de renda	Índice direita econômica
V98	Responsabilidade do governo	Índice direita econômica
V127	Ter um líder forte que não precise se preocupar com deputados e senadores e com eleições.	Mais próximo de 100, o líder forte é mais aceitável
V204	Justificável: Aborto	Mais próximo de 100, o aborto é mais aceitável
Índice1	Junção V228A, V228F, V116	Mais próximo de 100, maior desconfiança institucional
Índice2	Junção V116 e V96	Mais próximo de 100, maior posição econômica de direita

Fonte: WVS

As últimas quatro linhas do quadro 1 sintetizam as variáveis mestras que incidirão sobre a comparação inicial entre brasileiros e poloneses.

Também compusemos uma medida de intensidade entre os 4 fatores mencionados no quadro 1, isso foi feito através de uma operação simples de comparação entre os valores – já que são recodificados de 0 a 100. A única mudança nessa etapa foi que invertemos o valor de aborto. Fizemos isso para que os valores ficassem sintonizados com o que se espera do posicionamento de direita populista

(NORRIS; INGLEHART, 2019). Essa composição ficará mais clara quando da discussão da figura 2.

Além disso, para demonstrar uma das peculiaridades polonesas, levamos em consideração dados das 3 ondas mais recentes do banco e comparamos poloneses com o resto do mundo na questão sobre privatização das empresas, a fim de ilustrar a especificidade desse país nesse quesito. Ficar-se-á mais claro essa escolha metodológica quando da discussão da figura 3.

Por fim, na quinta parte desse trabalho inserimos os uruguaiois na equação, por motivos já citados na seção anterior. Para essa comparação além das variáveis citadas nos quadros 1 e 2, inserimos uma decomposição do índice de desconfiança institucional, bem como da aceitação da homossexualidade como uma variável extra, o fizemos em virtude dos apontamentos de Wróbel (2021) para o caso polonês.

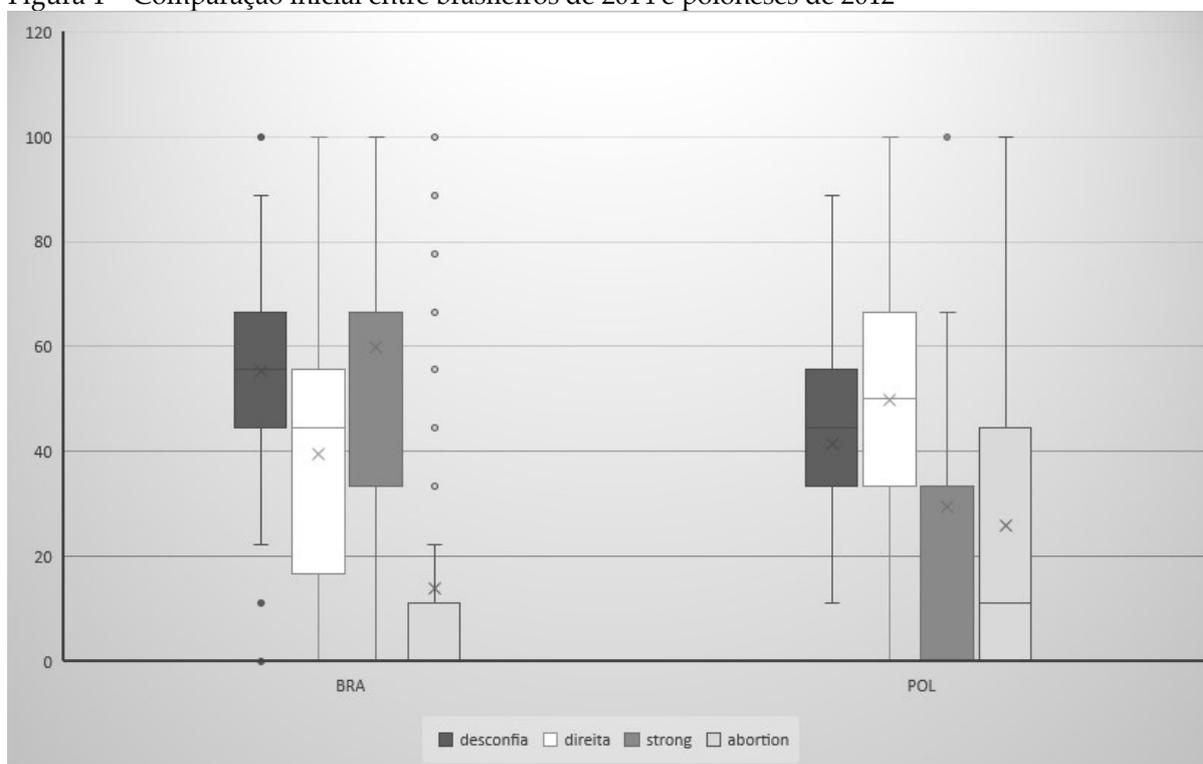
4 QUATRO FATORES NA OPINIÃO PÚBLICA DE POLONESES E BRASILEIROS ANTES DA EXTREMA-DIREITA

Tendo introduzido quais são os quatro elementos que configuram a acareação aqui proposta, é possível comparar as amostras de poloneses e brasileiros antes da atual ascensão ao poder dos líderes populistas de direita. Brasileiros e poloneses diferem nas opiniões relativas às 4 *issues* aqui selecionadas. É isso que verificamos na figura 1.

Essas diferenças ficam latentes quando se olha não somente as médias, representadas pelo 'x' na figura 1, bem como a distribuição. Que é claramente diferente entre os respondentes das duas nações. Os brasileiros eram menos pró-aborto e mais favoráveis a presença de um líder forte do que poloneses. Por outro lado, poloneses

tinham posição econômica mais à direita. As diferenças são estatisticamente significativas em todos os casos⁹.

Figura 1 – Comparação inicial entre brasileiros de 2014 e poloneses de 2012



Fonte: WVS

A figura 1 parece-nos dizer que é na desconfiança institucional (a variável mais escura da imagem) que os cidadãos de ambos os países coincidem mais nas suas opiniões. Uma forma adicional de verificar tal similitude será dada na próxima seção.

Voltando a acareação entre poloneses e brasileiros, a figura 2 procede a comparação de outra forma de comparar brasileiros e poloneses nas 4 variáveis. Quando a comparação é por ordem de apoio e magnitude como se vê na figura 2, fica notório que os dois países ficam próximos na dimensão do conservadorismo e da desconfiança. Mas que se distinguem no que concerne à posição econômica e a visão sobre o líder forte.

⁹ Foram realizados testes de regressão logística com os países como variável dependente.

Figura 2 – Comparação brasileiros em 2014 e poloneses em 2012: ordem de apoio e magnitude

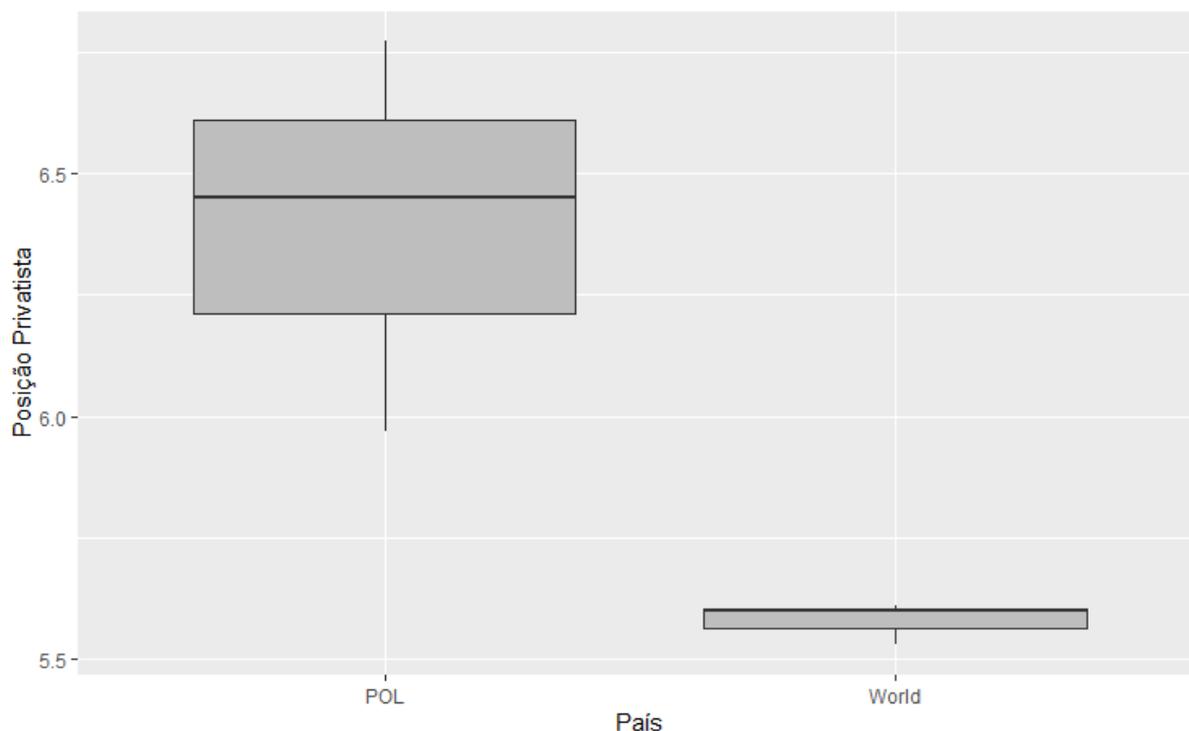
Poloneses em 2012		Brasileiros em 2014	
Anti-Aborto	Desconfiança Democracia	Anti-Aborto	Desconfiança Democracia
Direita	Líder forte	Líder forte	Direita

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do WVS

Na Polônia a visão econômica de direita é algo muito mais presente na opinião pública, os brasileiros, por sua vez, não se identificam com premissas desse tipo. Ao que parece os achados dos anos 1990 de Moreno (1999) sobre esse país permanecem atuais, ainda mais se comparado aos brasileiros. A figura 3, ao proceder a comparação entre poloneses e o restante da amostra da WVS denota bem essa especificidade dos poloneses.

Uma comparação entre as médias dos poloneses acerca do papel das empresas privadas consta na figura 3. É nítido que poloneses tendem a ser mais estatizantes que a média global. Fica claro que suas médias ficam em um intervalo estatisticamente diferente da distribuição das médias no mundo. Por outro lado, o oposto pode ser dito em relação aos brasileiros (não apresentados no gráfico), que na onda 6, tiveram média 4.1, bem abaixo da mundial. Esses fatos, aparentemente contraditórios mostram a complexidade das opiniões econômicas frente a esse fenômeno da desconsolidação democrática.

Figura 3 – ‘Empresas e negócios particulares/do governo devem aumentar?’¹⁰ Distribuição das médias das amostras.



Fonte: WVS, ondas 5,6 e 7.

O trabalho de Moreno (1990) já apontava que a dimensão da reforma econômica era um tema candente nos países que estiveram sob jugo soviético. Ao que parece, ao menos na Polônia, essa dimensão segue tendo relativa força.

Já no que concerne ao líder forte, o mesmo pode se referenciar ao aspecto do personalismo tão presente em países latino-americanos. O estudo de Bornschieer (2018) é um dos que apontam que essa uma característica marcante dos regimes políticos latino-americanos. Nesse sentido, ver-se-á, na próxima seção que mesmo entre os membros de um país latino-americano sem líder de extrema-direita se têm maior predileção por líder forte que ignora os outros poderes que os poloneses.

A inclusão dos uruguaios, além disso, trará notável ganho analítico, uma vez que introduz um esteio que contemplará melhor os objetivos comparativos de nosso trabalho.

¹⁰ Variável oscila de 0 a 10. Quanto maior, mais privatista

5 NEM TÃO DIFERENTE OU OLHAR DE OUTRO MODO

A tabela 1 e as figuras 4,5, 6 e 7 apresentam a comparação entre os públicos de Polônia, Uruguai e Brasil na sexta onda do WVS. A tabela 1, comparando as médias entre os três públicos, denota que as dimensões aborto e desconfiança são as que brasileiros e poloneses se dissociam do mesmo modo na comparação aos uruguaiois. Ou seja, são mais conservadores e desconfiados.

Tabela 1 – Comparação Uruguai, Brasil e Polônia

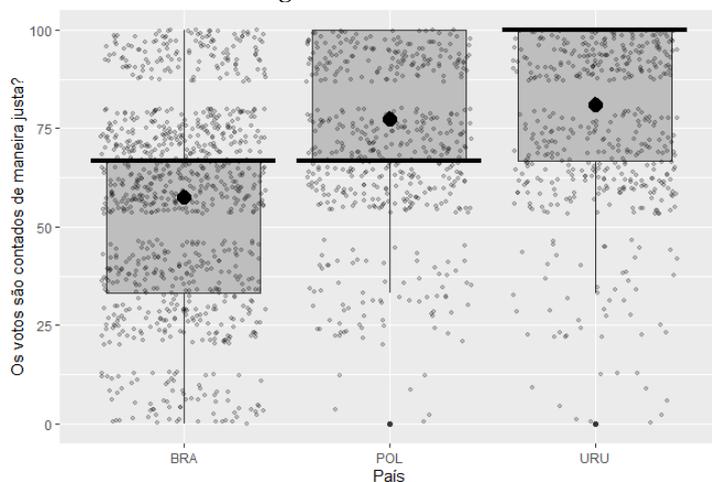
Variável	Média Uruguai 2011	Média Brasil 2014	Média Polônia 2012
Líder Forte	40.85	59.84	29.51
Aborto	34.85	13.88	25.83
Desconfiança (Índice)	36.83	55,52	41.40
Direita (Índice)	46.96	39.44	49.84

Fonte: WVS

É possível decompor as três questões que deram origem ao índice de desconfiança institucional e comparar caso a caso, a opinião de cidadãos dos dois países nas vésperas de terem líderes de extrema-direita no poder com a opinião de uruguaiois, país também assolado por um passado não democrático, porém sem a prevalência de uma extrema-direita consistente.

A figura 4 apresenta a primeira das perguntas que geraram o índice de desconfiança institucional e refere-se à confiabilidade da contagem dos votos. A linha preta destacada representa a mediana das respostas (que também foram normalizadas de 0 a 100), o círculo preto mais grosso representa a média, os pequenos pontos pretos representam a maior parte dos casos, já o ponto preto de tamanho médio representa os eventuais *outliers* (se houverem).

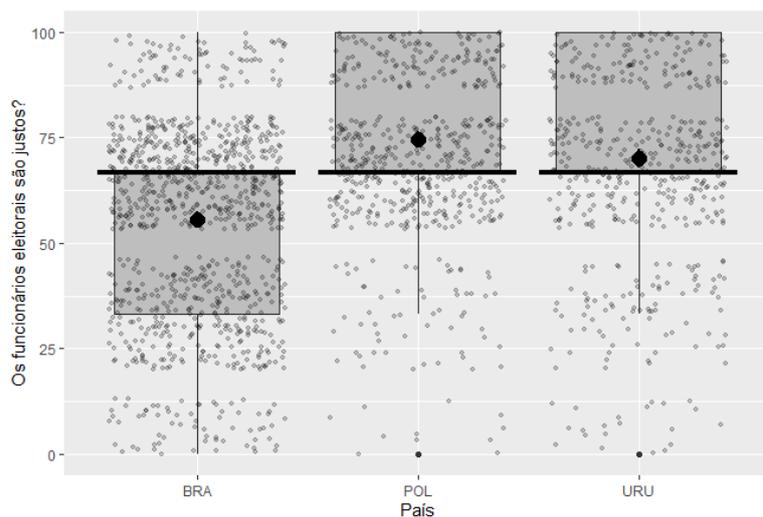
Figura 4 – Distribuição dos casos na opinião de brasileiros, poloneses e uruguaios (2011-2014) sobre a confiabilidade da contagem dos votos.



Fonte: WVS

Percebe-se que nessa dimensão, brasileiros são mais desconfiados, com poloneses mais próximos da perspectiva dos uruguaios. Na distribuição dos casos (os pontos pretos pequenos) fica nítida a impressão de que esse é um problema mais brasileiro do que polonês ou uruguaio.

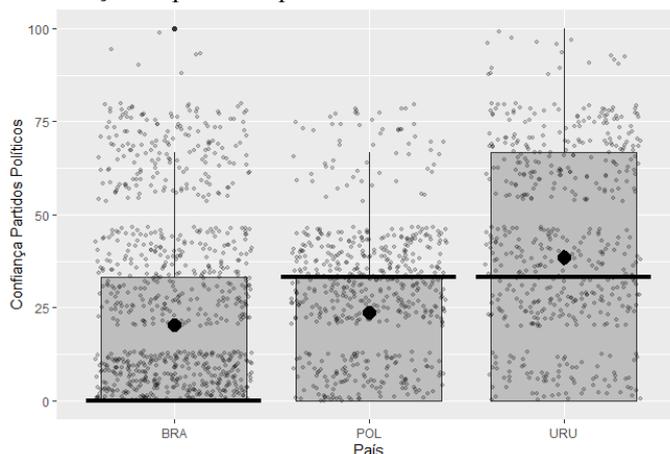
Figura 5 - Distribuição dos casos na opinião de brasileiros, poloneses e uruguaios (2011-2014) sobre a confiabilidade dos funcionários eleitorais.



Fonte: WVS

A figura 5 aborda a confiabilidade dos funcionários eleitorais. E também foi normalizada de 0 a 100. Os resultados também corroboram os achados referentes aos da confiabilidade da contagem dos votos. Ou seja, também mais do brasileiro do que dos outros.

Figura 6 – Distribuição dos casos na opinião de brasileiros, poloneses e uruguaios (2011-2014) – Confiança em partidos políticos.



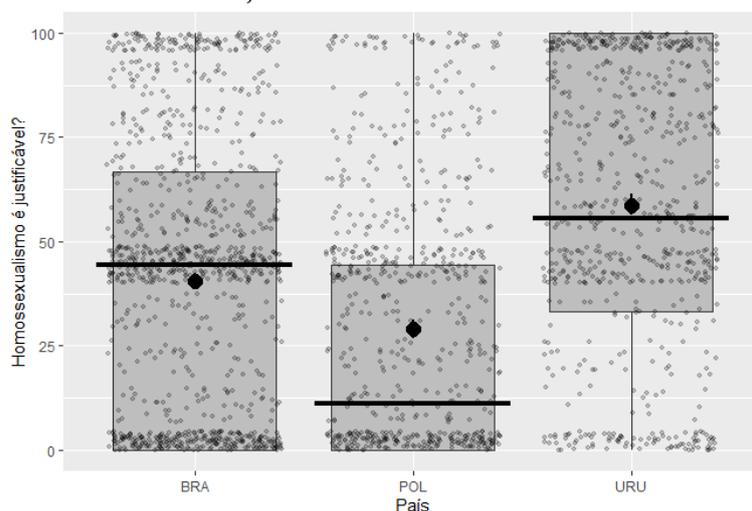
Fonte: WVS

Na figura 6, o foco é a confiança em partidos políticos. A importância dos partidos para sistemas democráticos tem longa tradição na literatura, por exemplo Levitsky e Ziblatt (2018) apontam que os partidos são centrais para evitar processos de desconsolidação democrática. Bornschieer (2019) ressalta que da América Latina, o Uruguai é um dos poucos países que manteve sólida a ligação do público com o sistema partidário mesmo após passar por período autoritário. Isso denota a maior confiança que uruguaios tem nos partidos políticos. Nesse aspecto é também, onde brasileiros e poloneses mais se diferenciam da opinião pública do país sem líder de extrema direita. Parece ser nessa questão que reside maior ponto de semelhança entre brasileiros e poloneses e dessemelhança em relação à uruguaios.

Brasileiros e poloneses também são mais conservadores em relação a uruguaios, como ficou latente nas médias apresentadas na tabela 1 em relação ao aborto. Outra questão do WVS permite uma outra comparação nessa dimensão, que é a visão dos

cidadãos sobre a homossexualidade. A figura 7 apresenta a distribuição dos casos nos três países.

Figura 7 - Distribuição dos casos na opinião de brasileiros, poloneses e uruguaios (2011-2014) – Homossexualismo é justificável?



Fonte: WVS

Nessa dimensão, os poloneses são mais conservadores que brasileiros e uruguaios, apontando para a importância dessa dimensão no país europeu, como bem ressalta Wróbel (2021). Em suma, fica nítido que a clivagem de cunho cultural se soma à dimensão da desconfiança nos partidos como elementos que marcam brasileiros e poloneses em relação à uruguaios. Há aqui, entretanto, uma diferenciação interna, brasileiros seriam mais intolerantes ao aborto, ao passo que poloneses recairia maior crítica aos homossexuais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Bornschier (2019), há o estudo comparativo de 11 países latino-americanos, entre eles Brasil e Uruguai. Nesse levantamento se apresenta uma conclusão que pode soar contra intuitiva. O estudo aponta que a moderação ideológica pode ajudar as democracias formais a sobreviver, mas que abortar o conflito a longo prazo prejudica

severamente aspectos-chave da qualidade da democracia. Este artigo sugere uma revisão das visões convencionais a respeito da polarização ideológica, bastante útil para formular hipóteses, como se verá mais à frente nesse projeto.

O que se depreende da análise desse achado é que plataformas partidárias contrastantes permitem que os eleitores entendam do que se trata a política e criem laços fortes entre grupos sociais e partidos políticos. Se as partes mantiverem suas posições espaciais, o conflito contínuo é capaz de reproduzir alinhamentos sobre gerações, instilando mecanismos de longo prazo de responsabilização programática. Ou seja, em países com uma bifurcação do tipo que potencializou algum nível de polarização, tornou-se possível cristalizar mais associação partidária. Por outro lado, nos países onde as elites evitaram esse fato, houve como consequência um sistema partidário com laços mais frágeis. Em suma, essa diferença foi notável nas escolhas entre a continuidade dos vínculos entre sociedade e sistemas partidários que antecederam as ditaduras militares de Uruguai e Brasil.

O regime uruguaio decidiu manter os partidos Colorado e Nacional¹¹, o que facilitou a manutenção dos vínculos do eleitor no retorno à normalidade democrática naquele país. Esse fato é amparado, inclusive, com a boa rotatividade de governos para a Frente Amplio, movimento que contemplava forças de esquerda e que surgiu após a ditadura uruguaia, que entrou e saiu do poder sem maiores problemas até aqui¹².

O sistema partidário brasileiro existente entre 1946-1964 foi “dilapidado” por escolha do regime militar após o Golpe de 1964. A criação do artificial bipartidarismo da Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e Movimento Democrático Brasileiro (MDB) rompeu os vínculos que começavam a se formar entre agrupamentos sociais e as antigas agremiações partidárias. Em suma, seguindo o argumento de Bornschier

¹¹ Ver em especial Tabela 1 (p.19-20) em Bornschier (2019).

¹² No momento em que esse texto é escrito o Uruguai é governado por um presidente do tradicional partido de direita Nacional. Não há qualquer indício de que esse líder seja da mesma estirpe de Duda e Bolsonaro.

(2019), tem-se no Brasil um “problema” não existente no vizinho da fronteira sul. Também fica latente na comparação, o fato de que após a retomada da normalidade eleitoral, o principal partido de esquerda no caso brasileiro, o Partido dos Trabalhadores (PT), não teve a mesma facilidade que a Frente Ampla.

O caso polonês, por ter vindo da dominação soviética, não propiciou o florescimento da sistemática partidária à “moda uruguaia”. Esse fato é corroborado por Pietrzyk-Reeves (2016), que também atenta ao fato de que o país carece de uma sociedade civil organizada e numerosa. O conservadorismo maior nos dois países e a relação problemática com os partidos podem ser interessantes frutos de investigação para aqueles interessados em entender o porquê do sucesso de líderes de cepa de Duda e Bolsonaro em alguns países.

Outra questão que vale ressaltar são as diferenças. Como bem destacado na segunda seção deste trabalho, os dois governos tiveram diferentes desempenho eleitoral e de aprovação até aqui. Trabalhos que vislumbrem uma comparação de mandatos podem ser interessantes como prosseguimento ao de levantamentos como o nosso. O estudo de Smith (2021) comparando às ações dos governos de extrema-direita de Brasil e El Salvador é um exemplo de instigantes agendas de pesquisa nesse sentido.

Outro aspecto relevante é que na maioria das vezes na literatura o tema do populismo (MUDDE, 2017) é considerado separadamente dos problemas relacionados à biopolítica (AGAMBEN, 2002). Uma explicação sobre o fenômeno talvez fosse possível aproximando esses dois discursos. Ou seja, é repensar o populismo de uma perspectiva biopolítica. Algo que não foi consolidado nesse pequeno trabalho. Essa potencial aproximação foi pensada através da leitura do trabalho de Wróbel (2021). Nesse trabalho, aponta-se para o “populismo biopolítico” exemplificado na Polônia através de um programa do PiS, que introduziu uma nova política de 'populismo legal', intimamente relacionado com a 'política procriativa' conservadora (proibição do

aborto). Uma investigação que incorporasse mais países nessa perspectiva talvez fosse uma instigante agenda de pesquisa.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua**. Belo Horizonte UFMG, 2002.

ALBERTUS, M.; GROSSMAN, G. "The Americas: When Do Voters Support Power Grabs?" **Journal of Democracy**, v. 32, n. 2, p. 116-131, 2021.

ARIAS, Juan. Novo ministro do Supremo de Bolsonaro surpreende (Por Juan Arias). **Revista Veja**, São Paulo, 1 dez. 2020.

BORNSCHIER, Simon. Historical polarization and representation in South American party systems, 1900-1990. **British Journal of Political Science**, v. 49, n. 1, p. 153-179, 2019. Disponível em: <https://www.zora.uzh.ch/id/eprint/134900/>. Acesso em: 25 nov. 2021.

BORNSCHIER, Simon. Polarization, cleavages, and actors in old and new democracies. Convergence versus divergence of mass-elite political cleavages: conceptual, methodological, and theoretical innovations, Hamburg. **Zurich Open Repository and Archive, University of Zurich**. Jun 2018. Disponível em: https://www.zora.uzh.ch/id/eprint/161059/1/Bornschier_Hamburg_2018.pdf. Acesso em 05 jun 2022.

BROWN, T. A. **Confirmatory factor analysis for applied research**. New York: The Guilford Press. 2006.

GROSSMAN, G.; KRONICK, D.; LEVENDUSKY, M.; MEREDITH, M. The Majoritarian Threat to Liberal Democracy. **Journal of Experimental Political Science**, p. 1-10, 2021. Doi: <https://doi.org/10.1017/XPS.2020.44>

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

MENDES, Adriana. Bolsonaro: 'No que depender de mim, aborto jamais será aprovado'. **O Globo**: Rio de Janeiro, 30 dez. 2020.

MOREIRA, Marcelo Sevaybricker. Democracias no século XXI: causas, sintomas e estratégias para superar sua crise. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 111, p. 15-49, 2020. Doi: <https://doi.org/10.1590/0102-0035/111>.

MORENO, Alejandro; **Political cleavages. Issues, parties and the consolidation of democracy**. Boulder, Colorado: Westview Press, 1999.

MOUNK, Y. **O povo contra a democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MUDDE, C. **Populism: a very short introduction**. New York: Oxford University Press, 2017.

NORRIS, P.; INGLEHART, R. **Cultural backlash: Trump, Brexit, and authoritarian populism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

PIETRZYK-REEVES, Dorota. **Civil society, democracy and democratization**, Peter Lang, 2016.

PIKETTY, Thomas. **Capital e ideologia**. 1. ed. Rio do de Janeiro: Intrínseca, 2020, p. 625-818.

PLUCISNKA, Joanna; WLODARCZAK-SEMCZUK, Anna. Poland puts into effect new restrictions on abortion. **Reuters**, Warsaw, 27 jan. 2021.

PRZEWORSKI, Adam. **Crises of democracy**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

SILVA, G. U. L. Ronald Inglehart (1934-2021): o legado da teoria do desenvolvimento humano. **Profanações**, v. 8, p. 211–231, 2021. Doi: <https://doi.org/10.24302/prof.v8.3736>. Acesso em: 25 nov. 2021

SMITH, A. E. A cartilha populista da política brasileira. **Journal of Democracy em Português**, São Paulo, v. 9, n. 2, nov. 2020.

WICKHAM, Hadley; GROLEMUND, Garret. **R for data Science**. 4.ed. Sebastopol: O'Reilly Media, 2020.

WRÓBEL, S. Populism as an implementation of national biopolitics: the case of Poland. In: OSWALD, M. (Org.). **The palgrave handbook of populism**. Cham: Springer International Publishing, 2021, p.545–562. Doi: https://doi.org/10.1007/978-3-030-80803-7_34.